

MARIA REGINA CANDIDO

ORGANIZADORA



Multiculturalismo

IDENTIDADES E ESPACIALIDADE
NO MUNDO ANTIGO

MULTICULTURALISMO

Identities and Spatiality in the Ancient World

ORGANIZADORA

Maria Regina Candido

EDITORES RESPONSÁVEIS

Alair Figueiredo Duarte

José Roberto de Paiva Gomes

Junio Cesar Rodrigues Lima

REVISÃO

Claunísio Amorim Carvalho

Bruno Braz

CAPA, PRODUÇÃO E DIAGRAMAÇÃO

Domus Publicações, Designs e Serviços
Educação

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Núcleo de Estudos da Antiguidade - UERJ

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/A

M961 Multiculturalismo: Identidades e Espacialidade no Mundo Antigo /
Maria Regina Candido (Org.). – Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2022.
264 p.

ISBN: 978-65-0049-147-0

1. História antiga. 2. Mediterrâneo, Mar, Região – História. 3.
Multiculturalismo. I. Candido, Maria Regina.

CDU 931

Maria Regina Candido (Org.)

MULTICULTURALISMO

Identities e Espacialidade no Mundo Antigo



MULTICULTURALISMO

Identities e Espacialidade no Mundo Antigo

1ª Edição – agosto de 2022

Copyright © 2022 por NEA/UERJ

Projeto Antiquidade



Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/98. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito dos autores, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS POR

NEA – Núcleo de Estudos da Antiquidade - UERJ
Rua São Francisco Xavier, 524, Pav. João Lyra Filho, 9º andar, Bloco A, Sala 9030, Maracanã
Rio de Janeiro – RJ - Brasil - CEP 20550-900
Tel.: (21) 2334-0227 – www.nea.uerj.br
E-mail: neaeventos@gmail.com

13

MULTICULTURALISMO NO IMPÉRIO PERSA

Prof.^a Dr.^a Katia M. P. Pozzer
(UFRGS; LEAO/UFRGS)

Introdução

Este texto propõe uma breve reflexão sobre a construção do império persa, que se pensava universal e multicultural, através da análise da arte e da arquitetura do sítio de Persépolis.

O grande império persa foi o resultado de um processo de unificação de territórios, abarcando populações e culturas muito distintas entre si em dimensões nunca antes atingidas. A monarquia aquemênida (559-330 AEC) retomou a ideia da criação de um império universal, que já estava presente na Mesopotâmia de Sargão de Akkad (Lafont; Tenu; Joannès; Clancier, 2017), reunindo “os quatro cantos do mundo”, em uma alusão aos quatro pontos cardeais já estabelecidos. Pela primeira vez na história, territórios de reinos hostis entre si foram reunidos em uma formação estatal unitária, do rio Indus ao Mar Egeu (HUOT, 2011, p. 299).

Dois grandes grupos etnolinguísticos estão na origem do império persa: os medas e os persas. Eles eram duas tribos indo-europeias que pertenciam ao mesmo grupo linguístico dos indianos (indo-arianos). Na época do império assírio (934-610 AEC), os medas estavam instalados nos férteis vales do planalto iraniano e tinham por capital Ecbatana, atual Hamadan. Segundo Heródoto, o historiador grego, os persas eram vassalos dos medas até a chegada de Ciro II, rei de Anshan, ao poder.

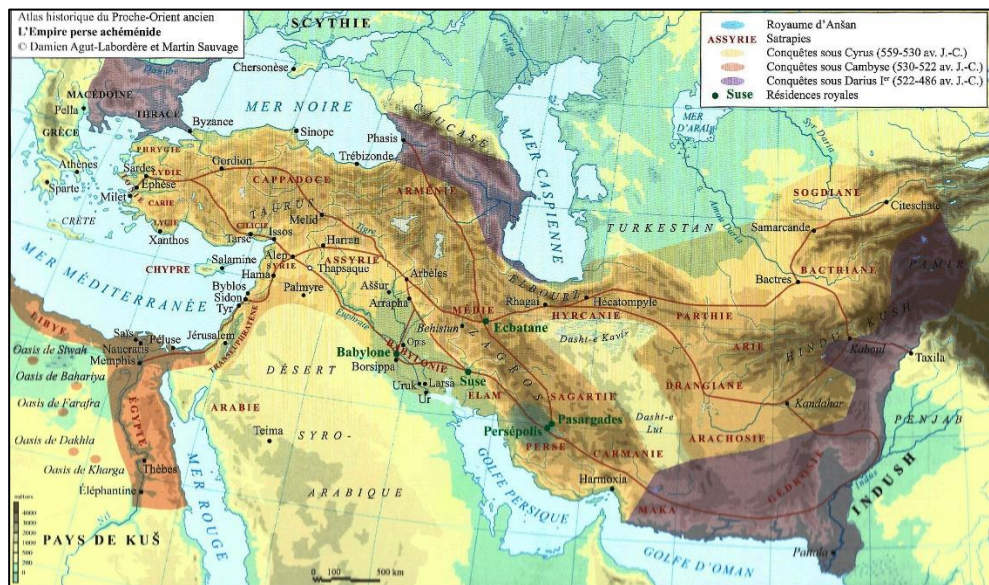
Três anos após ter assumido o trono persa, ele lidera uma revolta e, graças às alianças com generais medas, conquista uma vitória militar em 553 AEC sobre os medas. Ciro empreende uma rápida e eficiente política expansionista e, em 539 AEC

derrota Babilônia e constrói uma reputação de rei benevolente, como atesta esta inscrição (ROAF, 2006, p. 204):

Todos os habitantes de Babilônia, assim como todos aqueles que viviam no país da Suméria e de Akkad, príncipes e governantes, o reverenciaram (a Ciro), lhe beijaram os pés, felizes por ter subido ao trono e o receberam alegremente, com caras radiantes, como ao mestre com a ajuda do qual tinham passado da morte para a vida e tinha superado o prejuízo e o desastre, razão por que veneravam o seu nome.

Ciro II (659-530 AEC), rei de Anshan, triunfa sobre os medas, derrota o rei Nabonida de Babilônia em 539 AEC e funda o maior império do Oriente, baseado em uma grande tolerância religiosa (Fig. 1).

Fig. 1 – Mapa do Império Persa. Fonte: Sauvage (2020, p. 132).



As construções monumentais de Ciro em sua nova capital em Pasárgada¹, realizadas graças ao trabalho dos melhores artesãos do reino, adotaram a estrutura dos palácios a partir das raízes pastoris, com a arquitetura seguindo o modelo de tendas nômades, com salas hipostilas em claro empréstimo cultural dos egípcios, ou ainda, o uso dos ortostatos, influências dos assírios, e a inclusão de elementos arquitetônicos e expressão escultórica dos gregos. Palácios com pórtico duplo, de

¹ O poeta Manuel Bandeira compôs o poema "Vou-me embora pra Pasárgada" em memória a esta mítica cidade.

concepção arquitetônica baseada na tradição iraniana, com vastas salas hipostilas, com decoração de painéis esculpidos nas paredes, na forma de gênios protetores assírios, com vestimenta elamita e coroa egípcia evocam a diversidade cultural que compõe o vasto império persa.

Ciro morreu em 530 AEC e legou o trono para seu filho e herdeiro Cambise II, que continuou a política expansionista do pai e conquistou o Egito em 525 AEC. Mas Cambise morreu precocemente em 522 deixando o reino acéfalo. Mas, menos de um ano depois, em 521 AEC, Dario usurpou o poder, uma vez que não pertencia à mesma linhagem, e construiu uma genealogia que o conectava à família de Ciro, inventando um ancestral comum, o rei Aquemenas, que deu origem ao adjetivo aquemênida, atribuído à dinastia.

Dario (522-486 AEC) estendeu as conquistas persas em direção ao Danúbio, a oeste, ocupando parte da Trácia, lutou contra os scythas, incorporou a província do Indus a leste e ordenou a execução de uma inscrição monumental, trilingue (persa, elamita e babilônico), conhecida como o Rochedo de Behistum, que possibilitou o deciframento da escrita cuneiforme. Ele reorganizou o império em províncias chamadas satrápias, administradas por um governador, criando um esquema regular de cobrança de taxas e tributos e um eficiente sistema de comunicação, com abertura de estradas e entrepostos postais, ligando todo o interior do império. Dario também empreendeu importantes reformas fiscais, legais e econômicas, como a padronização de pesos e medidas e o uso obrigatório da língua aramaica na administração (BRIANT, 1996).

Esta nova ideologia imperial encontra sua expressão em uma arte nova, que reflete a preocupação com o universalismo, através de múltiplas tradições das antigas civilizações agora integradas ao império persa.

O sítio de Persépolis

O sítio de Persépolis, atualmente conhecido como *Takht-e Djamshid*, está localizado na Província do Fars, no sul do Irã, próximo ao Golfo Pérsico. A região viu surgir a cultura Parsa que deu origem aos persas (Fig. 2). Persépolis foi assim chamada pelos gregos, literalmente, a pólis dos persas (RINGGENBERG, 2017, p. 327).

Fig. 2 – Localização de Persépolis. Fonte: <https://www.thehistoryhub.com/persepolis-facts-pictures.htm>. Acesso em 12/04/22.



O majestoso sítio arqueológico de Persépolis já era conhecido no Ocidente pelos relatos de viajantes europeus na região ainda na época moderna. Mas foi com o advento da arqueologia enquanto ciência, no final do século XIX, que o lugar foi pesquisado. Entre 1839 e 1841 o orientalista, arqueólogo, artista e diplomata francês, Eugène Flandin, juntamente com o arquiteto Pascal Coste, realizou viagens à Pérsia e visitou os principais sítios arqueológicos, registrando em textos, desenhos e aquarelas os vestígios visíveis. As observações de Flandin sobre o estado da Pérsia e a política internacional em meados do século XIX também forneceram importantes informações documentais. O relato destas viagens foi publicado na obra intitulada *Voyage en Perse de Mm. Eugène Flandin Peintre et Pascal Coste Architecte pendant les Années 1840 et 1841* (SHAHBAZI, 2018).

As primeiras escavações arqueológicas foram realizadas por Motamed-Od Dowleh Farhad Mirza, governador da província do Fars, em 1878. Mais tarde, o fotógrafo alemão Franz Stolze explorou os sítios arqueológicos da região e publicou

esses trabalhos em 1882, sendo seguido por Jane e Marcel Dieulafoy, orientalistas franceses, que efetuaram duas missões arqueológicas na Pérsia (1881-82 e 1884-86).

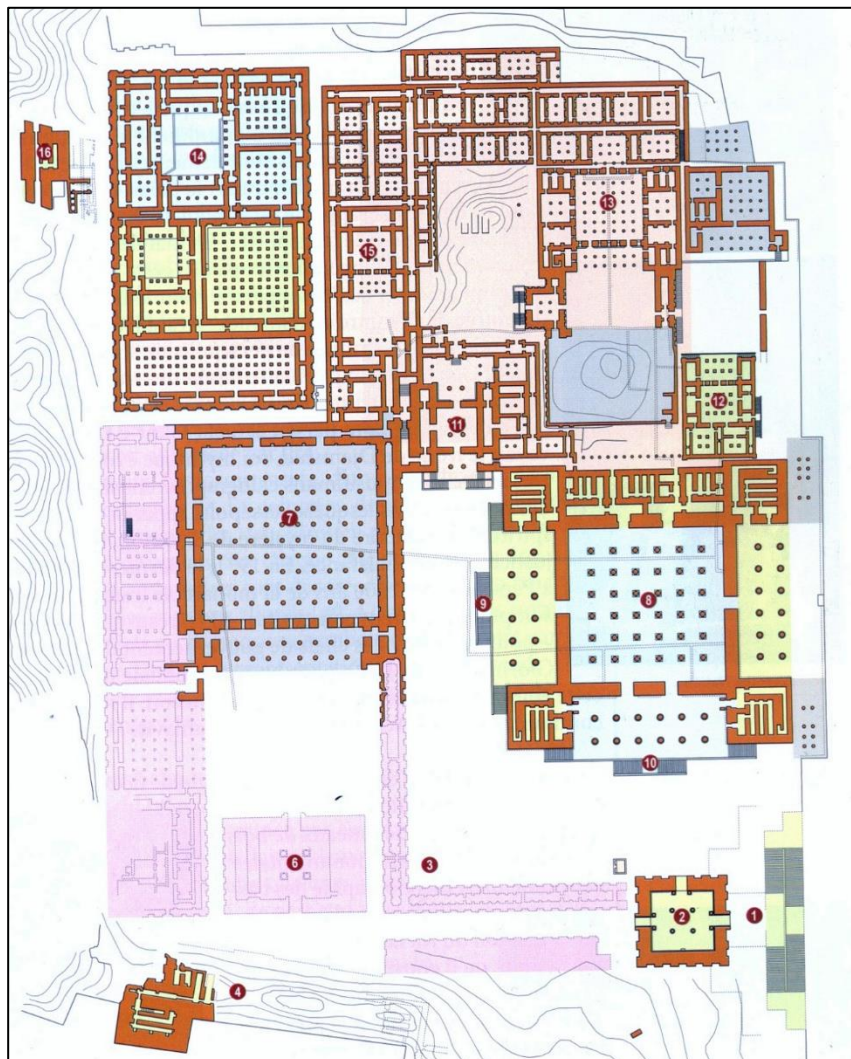
Na primeira metade do século XX, de 1931 a 1939, o Instituto Oriental da Universidade de Chicago comissionou as escavações dirigidas por Ernst Herzfeld e E.F. Schmidt. Nos anos 1940, A. Godard e depois o iraniano, A. Sami, prosseguiram as escavações por conta do Serviço Arqueológico Iraniano (IAS) (SHAHBAZI, 2018).

Mais recentemente, o IAS, sob a direção de A. Tajvidi, dirigiu trabalhos de escavação e restauração parcial, em cooperação com os italianos G. e A.B. Tilia, do Istituto Italiano per il Medio ed Estremo Oriente.

O rei Dario (522- 486 AEC) abandonou a antiga capital Pasárgada e construiu uma cidade e um palácio, a cerca de 50km a sudoeste, em Persépolis, transferindo a capital política e administrativa do império para Susa, na região do Khuzistão iraniano (Huot, 2011, p. 303).

O palácio de Persépolis foi construído sobre uma esplanada rochosa, a uma altitude de 1770 m, ladeada a leste pelas montanhas Mehr, em torno de 518 AEC e constitui-se na evidência mais grandiosa da arquitetura persa. A cidade de Parsa localizava-se a noroeste e sudoeste da plataforma. As habitações dos moradores, feitas de tijolos, foram inteiramente destruídas pelo incêndio perpetrado por Alexandre em 331 AEC (Fig. 3).

Fig. 3 – Plano de Persépolis. Fonte: Ringgenberg, 2017, p. 373.



Legenda da Figura 3:

- 1 Escadaria monumental
- 2 Porta das Nações
- 3 Passarela dos guardas
- 4 Caserna
- 5 Fortificações externas
- 6 Porta inacabada

- 7 Sala das 100 colunas
- 8 Apadana (1.000 pessoas)
- 9 Escadaria leste da Apadana
- 10 Escadaria norte da Apadana
- 11 Tripylon
- 12 Tachar (Palácio de Dario I)
- 13 Hadish (Palácio de Xerxes)
- 14 Sala do Tesouro
- 15 Harém
- 16 Cisterna
- 17 Tumba Artaxerxes II

Podemos observar prédios de planta quadrada, com paredes recobertas de relevo, impondo novas normas à arte persa que vigoraram até o final de seu império, revelando uma nova ideologia real (BENOÎT, 2011). A cidadela real compreendia quatro partes principais: os palácios oficiais e cerimoniais, os palácios e residências privadas, o tesouro real e as fortificações. A plataforma criada tem forma quase retangular, medindo cerca de 12,5 ha². O lugar contém vestígios de um complexo sistema de canais subterrâneos destinados ao provimento de água e de uma linha de fortificações edificadas ao norte e a leste. Ao Sul e a oeste, as paredes das montanhas exerciam uma proteção natural ao conjunto de edificações.

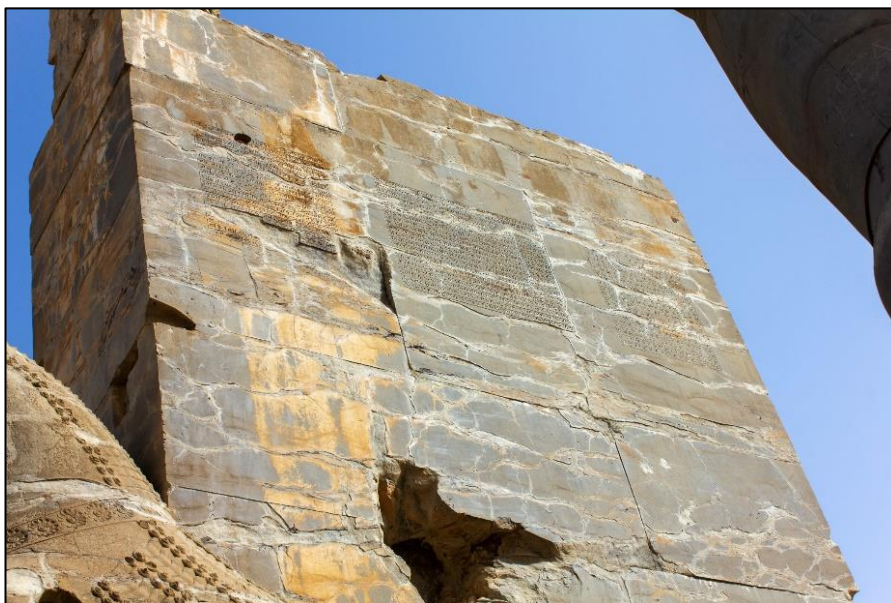
O acesso ao sítio se faz pelo lado sul, por uma grande escada dupla que nos leva a uma porta monumental hipostila conhecida como Porta das Nações, que contém uma inscrição trilingue, em persa, elamita e acádico com o nome do rei Xerxes (Fig. 4 e 5). Esta porta era guardada por dois pares de touros alados androcéfalos, os *lamassû*, que tinham uma função de caráter apotropaico segundo a tradição assíria.

As paredes eram de tijolos de argila crua, as escadas, os pórticos e janelas eram em pedra e se constituem nas ruínas que hoje podemos observar *in situ*. Todas as estruturas eram hispostilas e a decoração nas paredes era policrômica (BENOÎT, 2011, p. 453).

Fig. 4 – Porta das Nações. Fonte: Foto da autora, 2018.



Fig. 5 – Inscrições na Porta das Nações (detalhe). Fonte: Foto da autora, 2018.



A partir desta porta, o visitante pode seguir e virar à direita, em direção à grande esplanada em forma de L e aceder, tanto pela escadaria norte como pela escadaria leste, ao prédio mais suntuoso de toda a cidadela, a Sala da Apadana (Fig. 6 e 8).

A Apadana era o espaço de recepção do rei persa aos inúmeros visitantes que a corte recebia. Era uma sala hipostila, de plano quadrado, cercada de três pórticos, cujas colunas internas repousavam sobre bases quadradas e as colunas externas se apoiavam em bases campaniformes, de influência egípcia (Fig. 7).

Fig. 6 – Escadaria norte da Apadana. (60,5m de comprimento e colunas de 20m).
Fonte: Foto da autora, 2018.



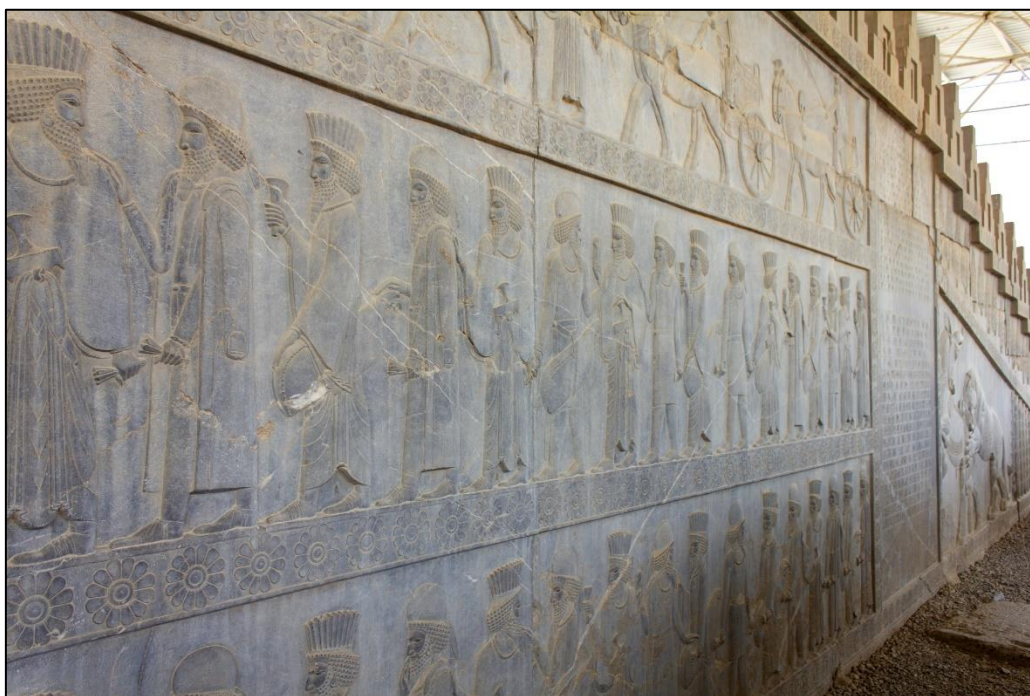
Fig. 7 - Base de coluna campaniforme de Náucratis. Fonte: Foto da autora, 2018.



Fig. 8 - Escadaria leste da Apadana. Dupla escadaria representando os 23 povos submetidos ao rei Dario (167 X 34m). Fonte: Foto da autora, 2018.



Fig. 9 – Escadaria leste da Apadana. Lado externo: medas e persas. Fonte: Foto da autora, 2018.



Nestes relevos podemos observar o princípio de forte lateralidade presente na arte mesopotâmica, bem como a composição de motivos vegetais, geométricos e epigráficos na decoração (Fig. 9). Há uma clara demonstração de força e poderio militar com a repetição incansável de motivos decorativos como os guerreiros. A flor de lótus, enquanto símbolo da luz, é de influência egípcia.

Na figura 10 temos a representação da delegação lídia, aportando presentes, como louças, braceletes, carro e ânforas.

Fig. 10 - Escadaria leste da Apadana. Lado interno: vassallos com presentes. Fonte: Foto da autora, 2018.



A iconografia dos baixos-relevos é uma variação sobre a realeza, a relação do rei com a esfera divina e com os seus súditos. A localização das delegações traduz o grau de importância política: medas e elamitas à frente, etíopes ao final do cortejo.

Fig. 11 - Escadaria leste da Apadana. Árvore da Vida. Fonte: Foto da autora, 2018.



Na parte superior do relevo são representadas árvores exuberantes (Fig. 11). Os ciprestes evocam um corpo delgado e harmonioso, simbolizando o jardim, *paradeison* em língua persa, como o contraponto ao deserto árido da paisagem do entorno.

O estilo arquitetônico é uma síntese original, composta por relevos assírios, que eram pintados com cores vivas, salas hipostilas iranianas, colunas jônicas, umbrais de madeira fenícia e portas monumentais babilônicas.

Fig. 12 - Fragmento de coluna compósita de Persépolis. Diorito negro (370 X 76 cm). Museu Nacional do Irã, Teerã. Fonte: Foto da autora, 2018.



Os pórticos eram tentativas de criar fachadas isoladas, monumentais, diferenciando-se das construções mesopotâmicas, em torno de pátios internos. Na figura 12 temos o fragmento de um pórtico, com touros acima dos capitéis de base jônica das colunas. Este tema aparece na arte mesopotâmica desde o III milênio AEC, como forma de amuleto protetor, simbolizando o equilíbrio.

Conclusões

O rei Dario reorganizou o império em províncias, chamadas de satrápias, que eram administradas por um governador, com a cobrança regular de taxas e tributos e um eficiente sistema de comunicação, com abertura de estradas e entrepostos postais, ligando todo o interior do império. Além disso ele empreendeu importantes reformas nos âmbitos fiscais, legais e econômicos, como a padronização de pesos e medidas e o uso obrigatório da língua aramaica na administração, que contribuiu com sua disseminação em todo o mundo antigo oriental.

Com a morte de Dario em 486 AEC, iniciou-se o período de declínio persa. Xerxes, seu filho, invadiu, mas não dominou a Grécia e, em 479 AEC, os gregos venceram definitivamente os persas. Em 331 AEC, Alexandre, o Grande, rei macedônico, derrotou Dario III, saqueou e incendiou o magnífico sítio de Persépolis, marcando, assim, o fim do mundo antigo oriental.

Alexandre morreu em 323 AEC com o império já dividido. Durante o exílio dos judeus na Babilônia e da dominação grega na Ásia, as sabedorias e as culturas do antigo Oriente Próximo foram integradas na herança intelectual da civilização grega e romana. E através deles sobreviveram e contribuíram ao desenvolvimento da civilização dita ocidental, da qual nós somos herdeiros.

A cidade de Persépolis encarna a unificação de um império universal, pois contém uma série de elementos artísticos e arquitetônicos oriundos das diferentes regiões que compõem o império persa. A monumentalidade e os amplos terraços vêm da Mesopotâmia, a técnica da pedra talhada procedente de Urartu, na atual Armênia, o drapeado das vestes e as colunas caneladas são originárias da Grécia, as colunas de base campaniforme e os motivos vegetais são clara influência egípcia. Já o uso da representação de animais tem origem na Mesopotâmia e no Elam.

Persépolis simboliza a unidade múltipla das culturas que compunham o império persa e a estética aquemênida unificou estilos diversos, como os esplêndidos relevos policrômicos, sem, contudo, confundi-los. Assim como o rei persa unificou os povos respeitando suas identidades, o multiculturalismo se constituiu enquanto identidade de um império universal.